

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ADMINISTRATIVAS

O processo de identificação do cotista acadêmico em Administração: uma análise na
Escola de Administração da UFRGS.

Alecsander Gonçalves Bagesteiro

Orientadora: Profa. Dra. Maria Tereza Flores-Pereira

Porto Alegre

2022

ALECSANDER GONÇALVES BAGESTEIRO

O processo de identificação do cotista acadêmico em Administração:
uma análise na Escola de Administração da UFRGS.

Trabalho de Conclusão do curso de graduação em Administração apresentado ao Departamento de Ciências Administrativas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para a obtenção do grau de Bacharel em Administração.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Tereza Flores-Pereira.

Porto Alegre
2022

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de deixar aqui a minha gratidão eterna aos meus pais Maura e Paulo que me concederam a vida. O meu agradecimento especial vai ao meu falecido pai que sempre foi o meu melhor amigo e maior incentivador e motivador aos estudos. Mesmo sem muitas vezes entender o motivo destes incentivos, pelo fato de essa realidade de estudos estar muito distante da sua como um menino que perdeu o pai muito cedo e filho de uma dona de casa, ele sempre acreditou que a educação seria a ferramenta para a realização de sonhos. Creio que ele acreditava mais em mim do que eu próprio acredito. Não menos importante deixo aqui a minha gratidão a minha mãe que também sempre soube, do seu jeito rudo e amoroso ao mesmo tempo, reconhecer minhas qualidades e sempre fazer o possível para fornecer tudo o que eu precisava para crescer de forma saudável. Sei que ela tem orgulho de mim mesmo que isso tenha sido verbalizado poucas vezes.

Agradeço imensamente aos meus cinco irmãos mais velhos. Juntos somos seis pessoas completamente diferentes uns dos outros e eu me sinto muito grato em ter nascido e crescido dentre eles. Se têm uma coisa que meu pai deixou muito gravado em nossos corações é o amor que nutrimos um pelo outro e vocês fazem parte da minha história, da pessoa em que me tornei.

Mesmo que o tempo mude a dinâmica das relações, a sensação de gratidão sempre vai ser muito grande em mim então gostaria de agradecer as minhas tias principalmente a Dona Marta laçana que eu tenho como segunda mãe por sempre ser uma pessoa amorosa e acolhedora desde que me conheço por gente.

Aos meus professores desde o primeiro até a minha orientadora Maria Tereza, eu gostaria de dizer que é a profissão que eu mais admiro no mundo. Eu tenho orgulho de ter sido aluno de cada um de vocês.

Não posso reclamar da minha trajetória até aqui pois sempre encontrei grandes pessoas que me incentivaram e me inspiraram a não desistir. Nas minhas experiências profissionais, é marcante pra mim a minha afinidade com grandes mulheres que são exemplos profissionais e pessoais na minha vida. Agradeço a minha primeira mentora Carolina (Carol) que foi a pessoa que me recebeu no mundo profissional. Agradeço a Dona Maria da Graça, professora guerreira que me ensinou muito sobre a vida em meu estágio na Secretaria de Educação do RS. Agradeço a Walcy, outra professora que mais

do que uma ex chefe foi e é uma grande pessoa de um coração imensurável. Agradeço as minhas “véias” do Bannisul, principalmente a minha mentora Sheila Saldanha, que foi o lugar onde eu me encontrei profissionalmente. Cada uma delas sempre com muita atenção e amor me ensinaram tudo o que puderam dentro daquele período e me trataram como um filho.

Por último, mas não menos importantes, agradeço a todos os meus amigos do coração. Agradeço a minha melhor amiga e Dra. Manu que sempre foi um exemplo de perseverança desde que a conheci. Agradeço ao time EA (Cilas, Vic e Andrews) pois foi através de vocês que me conectei mais com a realidade política e social e conheci pessoas incríveis. Agradeço a todos os colegas que compartilharam comigo essa trajetória acadêmica (posso citar algumas que me aturaram como Mariana Alves e Jaqueline) até aqui por todos os bons momentos de convívio mas, em especial, meu agradecimento a Cris que foi com quem eu mais partilhei momentos sejam bons ou ruins durante a graduação e que hoje mais do que colega eu posso chamar de amiga e sou muito grato por isso!

Viva a universidade pública e de qualidade! Viva a mãe UFRGS de quem me despeço por agora mas que possivelmente venhamos a nos encontrar novamente.

RESUMO

A Lei Federal 12.711/2012, mais conhecida como a Lei de Cotas, completa dez anos desde o seu decreto e sancionamento pela então presidente do Brasil Dilma Rouseff em 2012. A Lei de Cotas garante que cinquenta por cento das vagas em instituições federais de ensino superior sejam reservadas para estudantes oriundos de escolas públicas, de baixa renda e pretos, pardos e indígenas. A proposta deste trabalho é analisar, sob a ótica teórica da Identidade Relacional, como ocorrem os processos de identificação dos estudantes cotistas do curso de Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Para atingir esse objetivo, a partir de um roteiro semiestruturado, foram realizadas entrevistas em profundidade de caráter qualitativo exploratório com seis alunos cotistas. Foi pela análise das trajetórias dos entrevistados que se fez possível compreender o contexto social da vida pessoal de cada um e como se constroem os processos de identificação quando passam a fazer parte do contexto social da Escola de Administração da UFRGS (EA/UFRGS). Como forma de organização dos dados, levantou-se quatro categorias e duas subcategorias de análise que explicam a trajetória do cotista até a EA/UFRGS, o choque de realidade do cotista mediante ao contraste entre a sua realidade e a realidade do ensino público superior e dos grupos ali presentes, as percepções a respeito das cotas e dos cotistas e, as relações entre os grupos de identidade da EA/UFRGS que origina duas subcategorias: a primeira explica a relação entre os cotistas e os não cotistas e a segunda busca caracterizar o grupo dos cotistas como um grupo de acolhimento. Como resultado desta análise compreende-se que as condições socioeconômicas (classe) e relações étnico-raciais (raça) são determinantes e servem como pano de fundo para os processos de identificação dos cotistas mediante aos seus contextos sociais de origem em convergência com o contexto social que encontram na EA/UFRGS.

Palavras-chave: Identidade Relacional; Cotas; Classe; Raça; Administração;

ABSTRACT

The Federal Law 12.711/2012, better known as the Quota Law, completes this year ten years since its decree and sanction by the then president of Brazil Dilma Rouseff. The Quota Law guarantees that fifty percent of the places in federal institutions of higher education are reserved for students from public schools, low-income and black, brown and indigenous people. The purpose of this paper is to analyze, from the theoretical perspective of Relational Identity, how the identification processes of quota students of the Administration course at the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS) take place. To achieve the general objective, based on a semi-structured script, in-depth interviews of an exploratory qualitative nature were carried out with six quota holders. It was by analyzing the trajectories of the interviewees that it was possible to understand the social context of each one's personal life and how the identification processes take place when they become part of the social context of the School of Administration at UFRGS (EA/UFRGS). As a way of organizing the data, four categories and two subcategories of analysis were raised that explain the quota holder's trajectory to EA/UFRGS, the quota holder's reality shock through the contrast between his reality and the reality of public higher education and of the groups present there, the perceptions about quotas and quota holders and the relations between the EA/UFRGS identity groups that originate two subcategories: the first explains the relationship between quota holders and non-quota holders and the second seeks to characterize the group of quota holders as a host group. As a result of this analysis, it is understood that socioeconomic conditions (class) and ethnic-racial relations (race) are determinant and serve as a background for the processes of identification of quota holders through their contexts social origins in convergence with the social context they find at EA/UFRGS.

Keywords: Relational Identity; Quotas; Class; Breed; Management;

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 REVISÃO TEÓRICA	12
2.1 A LEI DE COTAS E O INCREMENTO DA DIVERSIDADE NAS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS	12
2.2 CONCEPÇÃO DE IDENTIDADE	13
2.3 A FORMAÇÃO DO ADMINISTRADOR.....	15
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	18
4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	21
4.1 PERFIL DOS CORRESPONDENTES	21
4.2 ANÁLISE DOS RESULTADOS	22
4.2.1 DAS ORIGENS ATÉ UFRGS	22
4.2.2 CHOQUE DE REALIDADE.....	24
4.2.3 COTAS E O QUE É SER COTISTA NA EA/UFRGS	26
4.2.4 PERCEPÇÕES SOBRE GRUPOS DE IDENTIFICAÇÃO	28
4.2.4.1 Nós e eles.....	29
4.2.4.2 Grupo de Acolhimento.....	31
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
6 REFERÊNCIAS	39
APÊNDICE A — ROTEIRO DAS ENTREVISTAS	41

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho busca analisar os processos de identificação dos cotistas vinculados ao curso de Administração da Escola de Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul mediante a conjuntura atual das universidades brasileiras, a Lei de Cotas e o perfil dos cursos de Administração.

O papel da universidade na sociedade é discutido por muitos autores. Segundo Barcellos, Dellagnelo e Saliés (2011) ele precisa ser refletido, discutido e repensado, deixando clara sua função, especialmente quando se fala da universidade pública em países periféricos, os quais se desenvolvem em uma lógica de dependência dos centrais e apresentam inúmeras desigualdades sociais. O papel principal da universidade neste contexto seria emancipatório e, conforme Saraiva e Souza (2012), deve estimular a autonomia do discente.

Motta (1983), sobre das primeiras escolas de Administração no Brasil, diz que apesar de um currículo multidisciplinar, o estudo das Ciências Humanas eram inclinados a pesquisas operacionais e pouco realizavam a crítica necessária para a compreensão e avaliação da realidade. Tal perfil de ensino, analisa o autor, é disseminado para todas as universidades. Motta (1983) já relatava a pobre produção teórica brasileira reforçada pela ausência de recursos e baixos salários universitários da época. Mesmo tendo como um de seus princípios a construção de uma sociedade mais justa, implicitamente as universidades são obrigadas a fazerem escolhas de investimentos, prioridades de pesquisa e alocação docente e, sobre essas escolhas, Barcellos, Dellagnelo e Saliés (2011, p. 673) afirmam: “Constata-se cada vez mais que tais opções se refletem na orientação para o mercado, que pressiona a formação de estudantes das mais diversas áreas do conhecimento”.

Estudar as universidades públicas brasileiras em dias atuais requer pensar em uma universidade diferente daquela de dez anos atrás. Isso por que, neste ano de 2022 completam-se dez anos da Lei nº 12.711, de agosto de 2012, a qual garante a obrigatoriedade da reserva de vagas em universidades públicas para egressos de escolas públicas, bem como pretos, pardos e indígenas. No Brasil, 60% da ciência produzida entre 2013-2018 está encabeçada por 15 universidades públicas, segundo pesquisa feita pela Clarivate Analytics (2019) e hoje, com a realidade da inserção de cotas sociais e raciais para ingresso no ensino superior, se permite que os cotistas, se

insiram no espaço de estudo e pesquisa antes era exclusivamente de um grupo com maior prestígio social e econômico.

Silva, Xavier e Calbino (2022) realizaram uma pesquisa sobre a percepção de professores universitários sobre a política de cotas por entenderem que estes são atores que possuem certa força nas narrativas das políticas afirmativas. Concluem que a maioria dos professores entrevistados acham a política satisfatória, mas ainda assim reproduzem um ideal de justiça a partir da meritocracia. A maioria entende, por exemplo, que o processo de vestibular é a única hierarquia legítima para ingresso nas universidades, pois classifica os indivíduos de acordo com seu esforço.

Nesta lógica de ressaltar a competência técnica individual é deixado de lado todo o contexto sócioeconômico e étnicocultural, onde nem todos têm as mesmas vantagens nessa competição. Silva, Xavier e Calbino (2022) também concluem que o sistema meritocrático ao assumir uma igualdade de oportunidades a partir das características dos indivíduos faz com que privilegiados socialmente tendam a manter as posições sociais em que se encontram.

Saraiva (2011) compara as Faculdades de Administração a centros de negócio. Diz que essas instituições perderam seu compromisso com a educação emancipadora e favorecem a lógica capitalista que tem como principal objetivo o lucro. Para Aktouf (2005) a formação do administrador está sendo um processo educativo pouco crítico e despolitizado estimulando o conformismo e o conservadorismo. Ele define então que a preocupação sobre os riscos do fator capital escanteia o fator humano (social). Diz que o administrador enquanto representante do capital tende a comportar-se de maneira patológica e desconectada da realidade social.

Concordando com Aktouf (2005), Saraiva e Souza (2012) ao discorrerem suas conclusões de pesquisa sobre a formação do administrador, afirmam que a ética é submetida ao mercado e a sua finalidade, o lucro. Enxergam uma conformidade teórica na formação que incorpora tudo o que agrada às organizações.

Para Wickbold e Siqueira (2018) o currículo de ensino deve ser visto também como uma complexa rede em que estão inseridas relações de poder, discursos, ideologias e relações sociais entre todos os autores da instituição educacional. As autoras trazem em seu texto a sua concepção de construção identitária dentro das universidades ao afirmarem que a universidade e o currículo são dispositivos que influenciam na

identidade das pessoas, pois dentro das instituições o discente se depara com regras, valores e padrões legitimados.

Cuche (2002) diz que a identidade não pode ser vista somente de uma forma objetiva como algo inato ao indivíduo mas também não pode ser levada ao outro extremo e ser definida como algo subjetivo reduzindo a identidade a escolhas individuais arbitrárias. Fazer isso, segundo o autor, seria abstrair o contexto relacional presente nas relações sociais e que determinam a posição dos agentes. O autor então define a identidade como uma construção social moldada em uma relação que opõe um grupo aos outros com os quais se relaciona. Conclui que o termo correto a ser usado não é “identidade” mas sim “processo de identificação” pois o estudo da relação é que deve ser o centro da análise, uma vez que não há uma essência definidora da identidade, a qual se constrói e reconstrói constantemente no interior das relações sociais, opondo-se à ideia de atributo permante.

Desse maneira entende-se querefletir sobre o importante papel que a universidade pública exerce socialmente (BARCELLOS, DELLAGNELO e SALIÉS, 2011; SARAIVA e SOUZA, 2012), os currículos orientados para o mercado dos cursos de Administração (AKTOUF, 2005; BARCELLOS, DELLAGNELO e SALIÉS, 2011; SARAIVA, 2011; SARAIVA e SOUZA, 2012), a possibilidade de pensarmos os currículos acadêmicos como elementos influenciadores nas construções identitárias dos discentes (WICKBOLD e SIQUEIRA, 2018) e, por fim, o contexto de maior diversidade sócio-econômico dos discentes das universidades públicas (e dos cursos de Administração) devido à Lei nº 12.711, pode levar a algumas reflexões e hipóteses a serem pesquisadas.

O contexto de cotas nas universidades públicas, ao trazer a um espaço antes homogêneo a diversidade social e racial, muda o cenário a partir do qual a vida universitária transcorre. Nesse sentido o ambiente antes exclusivo de grupos definidos pela lógica do mérito, o qual privilegia determinado grupo socioeconômico e étnico-racial, torna-se dinâmico com relações de convergência e divergência, disputa e troca entre os diferentes grupos de identificação. Entretanto, considera-se que os cotistas adentram o curso de Administração em posição de grupo tardio e em desvantagem, apontando para a importância de se refletir sobre as relações e os processos de identificação pelos quais esse conjunto discente passa a partir de sua convivência com esse ambiente universitário dos cursos de Administração.

Uma hipótese sobre essa construção identitária dos discentes cotistas seria a de que considerando que a ciência e o ambiente curricular-acadêmico da Administração contribuem para a manutenção de um sistema que estratifica e classifica a sociedade a partir de critérios mercadológicos e individualistas, talvez fosse possível pensar que os espaços de ensino de Administração seriam hostis a esse novo perfil discente, sem tradição universitária na família, oriundo de camadas sócio-econômicas não privilegiadas, o qual até 2012 estava pouco presente na construção universitária e dos cursos de Administração. Ou seja, haveria um antagonismo entre os princípios intrínsecos à ciência administrativa, como o processo de formação conservador atrelado a uma ideologia capitalista que reforça o fator lucro como o central nas relações, e o contexto contemporâneo de maior diversidade nas universidades?

Desse modo, se houver esse antagonismo e essa hostilidade, questiona-se como transcorre o processo de identificação dos discentes cotistas do curso de Administração inseridos neste ambiente de contexto controverso e possivelmente excludente. Controverso e excludente por ser um espaço que semeia uma cultura racional, utilitária e técnica que tende a predominar e escantear o debate de questões sociais. E, caso isso tudo se confirme, quais são as decorrências práticas nas vidas desses alunos cotistas, no decorrer de sua formação acadêmica e profissional?

Diante dessas reflexões, organizo a seguinte questão de pesquisa para orientar este trabalho de conclusão de curso (TCC): **Se a ciência administrativa e o ambiente acadêmico tendem a reproduzir ideais de uma sociedade estratificada e hierarquizada e as cotas conduzem os cotistas a dividir espaço com os grupos privilegiados, de que maneira esse contexto influencia o processo de identificação do cotista na sua jornada de formação acadêmica como administrador?**

Para responder a essa questão de pesquisa, organizam-se os objetivos a serem atingidos. Assim defini-se o objetivo geral: **Compreender os processos de identificação do cotista acadêmico em administração na Escola de Administração da UFRGS (EA/UFRGS).**

Para auxiliar na no percurso até o objetivo geral os seguintes objetivos específicos foram idealizados: 1) Identificar como o cotista acadêmico em Administração percebe a relação entre o contexto sociocultural no qual foi criado e aquele o qual vivencia na EA/UFRGS; 2) Levantar a existência de diferentes grupos de identificação dos

acadêmicos em Administração na EA/UFRGS; 3) Investigar as percepções dos costistas acadêmicos em Administração em sobre seu processo de identificação com os grupos da EA/UFRGS; e 4) Identificar as percepções dos acadêmicos de Administração acerca das relações entre os grupos de identidade da EA/UFRGS.

Com intuito de atingir esses objetivos, primeiramente, é importante compreender as dinâmicas sociais no espaço de formação do administrador. Grande parte dos estudos da ciência administrativa ainda estão voltados para organizações com fins lucrativos e esquecem de pensar no indivíduo administrador em formação, suas vivências pré e pós academia e o quanto elas contribuem ou não para o seu processo de identificação.

Conforme estudos realizados por Santos e Braga (2016) junto à comunidade científica da Associação Nacional dos Programas de Pós- Graduação em Administração (ANPAD) foi constatado que 45% da comunidade considera a gestão como objeto de estudo da Administração, enquanto 24% considera a organização, 12,5% considera a estrutura, 10,6% o indivíduo, e 7,7% não soube indicar um elemento de investigação da administração. Os dados levantados por Santos e Braga (2016) mostram que a grande maioria dos pesquisadores não considera tão importante o estudo do indivíduo mas, este trabalho contrapondo-se a maioria, vê que este estudo voltado a o indivíduo e grupos de identificação tem relevância ao fortalecer os estudos críticos em Administração promovendo a discussão de questões sociais dentro de um ambiente de formação que tende a levar a maioria das discussões para debates técnicos e dando mínima importância para a discussão de questões sociais presentes tanto no espaço de formação quanto nos espaços de atuação do então futuro administrador.

O capital cultural que trazem os cotistas pode ser benéfico às transformações que o pensamento administrativo precisa sofrer em direção a pedagogia da mudança proposta por Aktouf (2005) que sugere a formação de um administrador sensível a questões sociais e ambientais. Outro ponto relevante do estudo é centralizar a problemática no processo do costista futuro administrador pois ao fomentar o debate sobre as relações entre os atores presentes no ambiente acadêmico então poderemos chegar a descobertas e resoluções de conflitos sociais e pensamentos cultivados pela ciência administrativa que caminham inversamente às aspirações dos cotistas, tornando assim o ambiente seletivo e excludente.

2 REVISÃO TEÓRICA

Nesta seção será apresentada, brevemente, a incrementação da Lei de Cotas nas universidades públicas do Brasil trazendo o crescimento da diversidade nesse espaço, concepções teóricas sobre identidade e processo de identificação e por fim alguns apontamentos sobre o processo de formação do administrador.

2.1 A LEI DE COTAS E O INCREMENTO DA DIVERSIDADE NAS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS

Em 2012, a Lei Federal nº 12.711/2012, mais conhecida como Lei de Cotas foi considerada constitucionalmente legal pelo Supremo Tribunal Federal (STF). A lei garante a reserva de 50% das vagas de ensino superior e médio/técnico de instituições públicas federais de ensino. Desses 50% metade é reservada para estudantes com renda familiar per capita de até 1,5 salários-mínimo e a outra metade para estudantes de escola pública independente do perfil de renda. Nos dois casos há um percentual mínimo de reserva para estudantes pardos, pretos e indígenas correspondente ao total de pessoas assim declaradas na região da instituição de acordo com o censo demográfico mais atual realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (BRASIL, 2012).

Mesmo com a Lei vigorando efetivamente somente em 2012, algumas instituições já adotavam políticas de ações afirmativas. Pioneiramente as cotas no Brasil surgiram em duas universidades estaduais no Rio de Janeiro e em seguida, no âmbito federal, na Universidade de Brasília – UnB. As cotas como parte das ações afirmativas no Brasil, surgem em meio a um contexto histórico de sociedade extremamente desigual em aspectos econômicos, sociais e políticos afetando a vida dos menos privilegiados (KERN; ZILLOTTO, 2011).

As ações afirmativas são medidas de caráter compensatório às injustiças e desigualdades presentes na sociedade moderna, conforme Munanga citado por Cohen, Exner e Gandolfi (2018). Mas também é importante destacar outro caráter das ações afirmativas que é potencial de garantir maior diversidade em espaços antes extremamente elitizados (KERN; ZILLOTTO, 2011).

A pluralidade é necessária na produção da ciência e na formação do cidadão com capacidade de pensar e escolher o que é melhor para a sociedade. Espera-se que o

ambiente acadêmico seja um espaço de coesão social dotando indivíduos da consciência sobre suas responsabilidades com a sociedade e com o ser humano, criando e apoiando propostas em benefício do trabalhador e aos deixados à margem da sociedade (PEREIRA; PIMENTEL, 2004). Para Herring e Henderson citados por Cohen, Exner e Galdolfi, (2018), a diversidade tem relação direta com a inovação, a variedade de experiências e a troca de conhecimento de indivíduos convivendo em um mesmo espaço e quando pensada no âmbito da universidade cria condições para ideias plurais diferentes das observadas em um grupo homogêneo.

Os cotistas apontam as precariedades do ensino público na sua vida escolar que os prejudicam no âmbito competitivo dos vestibulares por virem de uma base de conteúdos inferior e quando ingressam na universidade carregam consigo um estigma de serem causa de uma perda de qualidade no nível das universidades (KERN; ZILLOTTO, 2011; COHEN, EXNER e GALDOLFI, 2018).

Sainsaulieu citado por Cohen, Exner e Galdolfi (2018) diz que as instituições são um espaço privilegiado na construção das identificações e si e dos outros. Quando se trata dos cotistas sociais que não se identificam nas classificações de cor, julgam a legitimidade de sua presença no espaço acadêmico justificando ele não ter o mesmo nível dos demais. Quando falamos dos cotistas raciais a questão é mais complexa pois além da questão da deslegitimação da sua presença por se cotista, enfrentam também o processo de adequação a um lugar que nunca foi seu, ocupado majoritariamente por brancos (COHEN; EXNER; GANDOLFI, 2018; SILVA, 2013).

A inclusão de diferentes grupos sociais por si só não é suficiente para a valorização da diversidade nos espaços antes homogêneos. A gestão da diversidade com justiça social e o reconhecimento do valor da diversidade seria o ideal para que as diferenças se incorporem organicamente nas universidades para que independente de diferenças todos sejam tratados com isonomia e se sintam parte, efetivamente integrados (COHEN; EXNER; GANDOLFI, 2018; JESUS, 2011).

2.2 CONCEPÇÃO DE IDENTIDADE

Cuche (2002) diz que há o costume de confundirmos os conceitos de cultura e identidade. Segundo ele, mesmo que as duas tenham uma forte ligação, a cultura pode existir sem consciência de identidade ao passo que, com objetivo pré-determinado, estratégias de identidade podem manipular ou até mesmo modificar completamente uma

cultura. Cuche (2002) define a identidade como uma norma de vinculação, consciente, baseada em oposições simbólicas. A identidade seria motivo de discussão nas ciências sociais devido ao declínio das identidades pré-determinadas que estabilizavam o mundo social conforme Hall (1992, p. 12):

A identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, "sutura") o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis.

No princípio se pensava a identidade como algo fixo e imutável. Segundo Hall (1992) se concebia a identidade como algo inato que desenvolve no decorrer da vida do sujeito, porém em uma concepção individualista permanecendo essencialmente o mesmo. A concepção que se tinha de identidade remeteria a um grupo original de vinculação do indivíduo, a identidade cultural (CUCHE, 2002).

A concepção de identidade mutável surge então na psicologia social que, segundo Cuche (2002), vê a identidade como instrumento para pensar a articulação do psicológico e do social no indivíduo. Definem então a identidade então como o resultante das interações sociais do indivíduo com o seu ambiente social próximo ou distante que, para Hall (1992), reflete a crescente complexidade do mundo moderno.

Para melhor entender as questões de identificação, este trabalho tem como pano de fundo as teorias de identidade social. Segundo Cuche (2002), a identidade social se caracteriza pelas interações sociais do indivíduo e suas vinculações em um sistema social. Tal vinculação pode ser a uma classe social, classe sexual, classe de idade e etc. O autor diz que a identidade permite que o indivíduo se localize em um sistema social e seja localizado socialmente mas a identidade social não diz respeito somente a indivíduos pois todo o grupo também é dotado de identidade que permite situá-lo num conjunto social.

Cuche (2002) cita Barth para explicar a manifestação relacional da identidade que diz que o processo de construção da identidade se dá na oposição de um grupo a outros os quais está em contato. A identidade deve ser compreendida através da ordem das relações entre os grupos sociais. Ela seria uma categorização para organizar trocas entre os grupos e que o importante não seria mapear os traços distintivos mas sim saber quais traços são utilizados pelos membros do grupo para afirmar e manter a distinção (BARTH, 1969).

Para Barth (1969) membros de um grupo não são definitivamente determinados

por sua vinculação a etno-cultural pois eles são os atores que atribuem significação a essa vinculação em função da situação relacional que se encontram. A identidade então se constrói e reconstrói dentro das relações sociais colocando o estudo das relações no centro da análise e tal movimento é melhor descrito, segundo Cuche (2002), como processo de identificação.

Conforme Silva (2000), a definição da identidade se dá num contexto onde a identidade e a diferença tem uma relação de dependência. O autor exemplifica dizendo que ao afirmar sermos brasileiros lê-se implicitamente que estamos negando ter de outras nacionalidades, expressão negativa de identidade, de diferenças.

Como parte do processo de identificação Cuche (2002) cita Simon que elenca alguns conceitos como auto e hetero-identidade. A auto-identidade seria uma definição sobre si próprio e a hetero-identidade definida pelos outros e a disputa por legitimidade entre as identidades se daria dentro do contexto relacional.

Cuche (2002) aborda o processo de identificação num contexto social de dominação e exemplifica dizendo que a auto-identidade terá maior ou menor força do que a hetero-identidade dependendo do contexto relacional que neste caso seria a relação de forças entre os grupos de contato. Neste contexto a hetero-identidade dos grupos minoritários seria estigmatizada levando a chamada identidade negativa, definindo-os como diferentes em relação a referência que os majoritários constituem.

Como última abordagem relevante, Cuche (2002) recorre novamente a Barth para coceituar outro aspecto importante no processo de identificação: as fronteiras de identidade. Para Barth (1969), não é a diferença cultural que identifica os grupos mas sim a vontade de marcar fronteiras entre “eles” e “nós” e justifica exemplificando que há grupos que admitem pluralidade cultural. Cuche (2002) cita Barth para concluir então que as fronteiras são concebidas com demarcação social e que qualquer mudança econômica ou política pode provocar deslocamentos nas fronteiras.

2.3 A FORMAÇÃO DO ADMINISTRADOR

Aktouf (2005) ressalta que antes do conteúdo devemos pensar no processo de formação do administrador. O autor faz duras críticas ao modelo de ensino que segundo ele não é emancipador mas sim reprodutor e conservador. Se relacionarmos tal perfil descrito por Aktouf (2005) com a concepção de Barcellos, Dellagnelo e Saliés (2011),

que vêem a universidade como instrumento de transformação social, entendemos então que esse instrumento não está sendo efetivo no seu papel.

Chaui citado por Barcellos, Dellagnelo e Saliés (2011) faz críticas ao modelo atual de universidade ao ressaltar que ideais neoliberais foram inseridos pelo governo brasileiro na educação superior impõem às instituições uma visão mercadológica do conhecimento. Paes de Paula e Rodrigues (2006) complementam citando Pffefer e Fong dizendo que as críticas podem ser direcionadas as escolas de administração devido ao seu enfoque em objetivos instrumentais em detrimento dos objetivos pedagógicos.

Segundo Paes de Paula e Rodrigues (2006), Tragtenberg já vinha denunciando o que ele chamou de “delinquência acadêmica”. Tragtenberg dizia que professores estavam priorizando o tecnicismo em detrimento do humanismo e as universidades tornariam-se assim multinacionais da educação afastando o papel social da educação.

No que se refere aos professores que tentam abordar o ensino de administração com uma pedagogia crítica, Paes de Paula e Rodrigues (2006) trazem o apontamento de Reynolds sobre a resistência por parte dos alunos que diz ela pode ocorrer pois o pensamento crítico confronta interesses, desigualdades e diferenças de poder.

Saraiva e Souza (2012) abordam a questão da identificação no administrador pois nesse meio gerencial ela estaria atrelada a resultados organizacionais. Freitas, citado por Saraiva e Souza (2012), diz que o indivíduo vê sua identidade sempre incerta pois só se admite neste meio o sucesso, o excelente. A empresa se personifica e o indivíduo aliena-se tornando-se seu instrumento de manutenção organizacional. Neste contexto, o indivíduo reprime suas capacidades de pensar, julgar e construir quando seu poder e capacidade de agir se vêem atrelados ao julgamento da utilidade organizacional (SARAIVA; SOUZA, 2012).

Contrário a tendência somente reprodutória e pouco crítica do ensino da administração, Aktouf (2005) entende que os professores de administração precisam ser generalistas. Ele acredita no ensino dotado de uma grande cultura geral sobre ecologia, história, antropologia, interculturalismo, linguística e etc despertando a consciência para o futuro administrador que suas decisões podem trazer consequências para a natureza, para os seres humanos, para o futuro. Watson, citado por Paes de Paula e Rodrigues (2006) que ciente que o ensino de administração é resistente a crítica, através de uma experiência com pedagogia propõe e vê resultado positivo na “narrativa negociada”

(entre teoria e vivência) pois nela tenta-se chegar em um equilíbrio de poder entre as dimensões técnicas, sociais e políticas.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para compreender os processos de identificação dos cotistas acadêmicos do curso de Administração na Escola de Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, foi feita uma pesquisa de caráter qualitativo exploratório através de entrevista em profundidade com roteiro semiestruturado (Apêndice A).

A pesquisa qualitativa busca entender o fenômeno a partir da perspectiva das pessoas envolvidas levando em consideração o contexto em que ocorre e do qual faz parte. As pesquisas exploratórias proporcionam maior familiaridade com o problema tornando-o mais explícito ou construindo hipóteses objetivando aprimorar ideias ou descobrir intuições (GIL, 2017). Nas Ciências Sociais ela responde a questões com um nível de realidade que não pode ser quantificado. A pesquisa qualitativa trabalha com significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes. (GODOY, 1995; MINAYO, 2001). Para alcançar o objetivo deste trabalho de conclusão de curso foi explorado o contexto social da vida pessoal de cada entrevistado e do espaço de formação educacional, com a finalidade de esclarecer conceitos e idéias que influenciam no processo de identificação do acadêmico cotista.

A entrevista é uma técnica eficiente para obtenção de dados em profundidade sobre o comportamento humano e os mais diversos aspectos da vida social (GIL, 2008). Para este trabalho, pretendia-se entrevistar dez cotistas e utilizar critérios para equilibrar a diversidade na seleção dos entrevistados. Ao final da pesquisa, porém, optou-se pelo número de seis entrevistados, seja por ter havido vários cancelamentos, seja pelo fato do pesquisador ter sentido haver um importante conjunto de respostas. As entrevistas variaram de um mínimo de 33 e um máximo de 58 minutos (em média de 50 minutos), o que se considerou um tempo extenso, propiciando um material empírico denso.

Ao final da quinta entrevista já era perceptível o esgotamento de novas contribuições para o desenvolvimento da análise das respostas, mas como forma de confirmação foi realizada uma sexta e última entrevista. A World Health Association (1994) define que o ponto de saturação, o que aqui denominamos como esgotamento, ocorre “com o alcance dos objetivos da pesquisa ou quando novos nomes não trazem informações novas ou relevantes ao estudo” (citado por BOCKORNI e GOMES, 2021, p. 108).

Os entrevistados não foram identificados por seu nome, sendo que quando há a

citação de uma fala é utilizado o termo Entrevistado e o número correspondente à sequência de realização das entrevistas. O quadro abaixo resume informações dos entrevistados como sexo, cor, idade, a cota a qual pertencem e o semestre de ingresso na EA/UFRGS:

Entrevistado	Modalidade da cota	Semestre de entrada	Gênero	Idade
1	Racial	2015/2	Masculino	35
2	Racial e social	2011/2	Masculino	40
3	Social	2017/1	Feminino	27
4	Social	2015/2	Feminino	30
5	Racial	2014/2	Feminino	26
6	Racial e social	2019/1	Feminino	29

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

As entrevistas foram realizadas entre agosto e setembro de 2022, todas de forma remota por plataforma de vídeo conferência. Os participantes concordaram previamente com a gravação de áudio e vídeo autorizando a utilização dos dados extraídos das entrevistas para a construção de um trabalho de cunho acadêmico.

Finalizada a coleta e organização, iniciou-se então a análise dos dados a fim de responder a pergunta central desta pesquisa: Se a ciência administrativa e o ambiente acadêmico tendem a reproduzir ideais de uma sociedade estratificada e hierarquizada e as cotas conduzem os cotistas a dividir espaço com os grupos privilegiados, de que maneira esse contexto influencia o processo de identificação do cotista na sua jornada de formação acadêmica como administrador?

A análise de dados qualitativos não tem como objetivo quantificar opiniões, mas sim interpretar cada uma delas e explorar o conjunto de opiniões e representações sociais sobre o tema investigado (MINAYO, 2001). Segundo Gil (2008), a análise de dados na pesquisa qualitativa depende muito da capacidade e do estilo do pesquisador. Miles e Huberman, citados por Gil (2008) descrevem a análise de dados qualitativos em três fases: a) a redução dos dados, que consiste em seleção e simplificação das informações; b) a apresentação, que consiste na organização dos dados de forma a possibilitar a análise sistemática de semelhanças, diferenças e seu inter-relacionamento. Nessa etapa podem surgir categorias além das descobertas na fase de redução dos dados; e c) a conclusão, que requer uma revisão para considerar o significado dos dados, suas regularidades, padrões e explicações. Os significados dos dados precisam ser validados. Na concepção qualitativa a validação dos dados ocorre quando as conclusões obtidas são dignas de crédito, defensáveis, garantidas e capazes

de suportar explicações alternativas.

Sustentado pelo modelo proposto por Gil (2008), após a transcrição das entrevistas, os dados passaram por uma primeira análise no sentido de encontrar pontos em comum nas falas dos entrevistados selecionando os dados de maior incidência. Após a redução dos dados, as falas escolhidas foram agrupadas por critério de semelhança, com coerência, em quatro categorias e duas subcategorias para serem novamente analisadas de forma minuciosa.

As categorias agrupam falas e pensamentos em comum, precedidas ou sucedidas por interpretações sobre: a) o conceito de Identidade Relacional; b) a nova classe média brasileira (ou os batalhadores brasileiros); c) as vivências dos cotistas antes e durante o seu processo de graduação; d) suas percepções das cotas e o ser cotista; e) suas percepções acerca dos grupos de identificação (suas relações com eles e a relação entre eles) da EA/UFRGS.

A categorização foi feita para sistematizar os principais elementos e conceitos que explicam realidade social de origem dos cotistas, a sua intrínseca relação com as cotas e com o ser cotista e, explicar a conjuntura das relações sociais na Escola de Administração da UFRGS afim de responder a questão central deste trabalho que é de compreender como se dão os processos de identificação destes cotistas.

4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Esta seção apresenta um breve perfil dos entrevistados e apresenta os dados selecionados da coleta com análises feitas pelo autor a partir de alguns conceitos teóricos.

4.1 PERFIL DOS CORRESPONDENTES

Nesta seção é realizada uma breve descrição de cada um dos entrevistados, a fim de aproximar o leitor da realidade vivida por cada um deles, trazendo assim uma melhor compreensão dos seus relatos para esta pesquisa. Dos seis entrevistados, somente a entrevistada 6 não está em fase final de conclusão do curso.

O entrevistado 1 tem trinta e cinco anos, é homem negro e cotista racial. Ingressou na EA/UFRGS no segundo semestre de 2015. Apesar de não ser o primeiro da sua família a ingressar na universidade, o entrevistado 1 não foi aprovado na sua primeira tentativa de concurso vestibular. Dando prioridade sempre ao trabalho, de acordo com 1 seu ingresso na universidade foi tardio. Mesmo sendo cotista somente por modalidade racial, é perceptível nos relatos que a sua realidade socioeconômica não tinha e não tem grande contraste com os demais entrevistados.

O Entrevistado 2 tem quarenta anos, é homem negro e cotista racial e social. Ingressou na EA/UFRGS no segundo semestre de 2011. 2 é pai desde os seus 18 anos e por conta disto priorizou o trabalho, conseguindo com esforço concluir um curso técnico em Administração. O Entrevistado 2 é o primeiro de sua família a ingressar no ensino superior e diz que se vê motivado a usar dos conhecimentos da graduação para dedicar-se a projetos sociais.

A Entrevistada 3 tem vinte e sete anos, é mulher branca e cotista somente por modalidade social. Ingressou na EA/UFRGS no primeiro semestre de 2017 transferida do curso de Matemática o qual iniciou em 2015. A entrevistada relata que sempre foi muito incentivada pela sua falecida mãe a estudar e ingressar no ensino superior. Após conseguir pagar um cursinho rápido não foi aprovada na sua primeira tentativa de concurso vestibular e, na sua segunda tentativa estudando em casa, conseguiu a aprovação.

A entrevistada 4 tem 30 anos, é mulher branca e cotista somente por modalidade

social. Ingressou na EA/UFRGS no segundo semestre de 2015. A entrevistada relata ser de uma família de trabalhadores do campo que vieram para Porto Alegre para encontrar melhores condições de trabalho. 4 dedicou muito tempo a estudos para concursos militares de forma independente, mas por não haver muitas oportunidades para mulheres ficou desapontada. Por influência de pessoas próximas que estudavam na UFRGS, decidiu então dedicar sua disciplina para estudos, na direção de buscar ser aprovada no concurso vestibular.

A entrevistada 5 tem vinte e seis anos, é mulher negra e cotista somente por modalidade racial. Ingressou na EA/UFRGS no segundo semestre de 2014. A entrevistada disse sempre ser incentivada por pessoas próximas a ingressar na universidade. É filha de uma assistente social e tem um tio administrador (um dos seus incentivadores) e foi aprovada na sua primeira tentativa de concurso vestibular aos dezoito anos.

A entrevistada 6 tem vinte e nove anos, é mulher negra e cotista racial e social. Ingressou na EA/UFRGS no primeiro semestre de 2019. A entrevistada relata que sempre se dedicou a cursos profissionalizantes, mas a universidade era algo distante da sua realidade. Ela relata que sua motivação para a universidade veio através de um curso pré-vestibular popular que pregava a ideia de que a universidade pública é um lugar para todos. Dedicou três anos de estudos no curso popular até conseguir a sua aprovação no vestibular.

4.2 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Conforme explicado no tópico de método, a partir das respostas das entrevistas em profundidade realizadas com seis cotistas do curso de Administração da UFRGS, foram criadas quatro categorias e duas subcategorias de análise.

4.2.1 Das origens até a UFRGS

Para os seis entrevistados, ou não fazia parte de sua realidade ou sempre souberam que seria uma meta difícil de ser alcançada o ingresso no ensino superior e isso fica muito claro em algumas falas, principalmente nesta:

Eu queria fazer um curso superior, mas pensava que nunca conseguiria entrar numa faculdade porque era muito difícil, algo muito distante, pois vinda de uma escola pública sei que o ensino deixa muitas vezes a desejar. E comecei a me dar conta de que era possível quando eu fiz um curso pré-vestibular (popular). Foi onde eu vi e ouvi falarem que a UFRGS era um lugar para todos.

(ENTREVISTADA 6)

A principal dificuldade relatada pelos entrevistados para compreender essa dificuldade de entrar em um curso superior foi a condição financeira que tinham à época. Todos, até mesmo os dois entrevistados ingressantes somente por modalidade de cota racial, dizem que suas famílias não teriam condições ou que teriam dificuldades em arcar com o custo de uma universidade privada e até mesmo de um curso preparatório para vestibular. A partir disto nota-se ser comum entre os entrevistados priorizar o trabalho, como meio de subsistência e emancipação financeira, deixando os estudos em segundo plano. A fala da entrevistada exemplifica essa situação:

[...] para criar dois filhos pequenos, meus pais tiveram de vir para Porto Alegre para conseguir um emprego. E eles encontraram “sub-trabalhos”, devido às suas experiências anteriores, como limpeza geral, fábricas, empregos nesse sentido. Então o que sempre tive durante minha criação foi o incentivo ao trabalho, a ser uma pessoa honesta, pois assim você consegue crescer dentro da empresa por ser uma pessoa confiável, mas nunca houve o incentivo aos estudos pois eles não tiveram aquilo, não podiam me ensinar algo que não tinham. (ENTREVISTADA 4).

Na fala da Entrevistada 4 percebe-se um valor que Jessé Souza em seu livro sobre a Classe Trabalhadora/Batalhadora chama de “ética do trabalho”. Souza (2012) ao descrever a “nova classe média brasileira” (segundo o autor, classe batalhadora/trabalhadora) diz que ela é dotada de um capital familiar que se consubstancia na transmissão efetiva de uma “ética do trabalho”. Inspirado por Pierre Bourdieu, Souza (2012) analisa que esse grupo é carente de capital cultural¹, diferente das classes privilegiadas, para maioria dos jovens da classe trabalhadora, o trabalho se impõe como atividade principal frente aos estudos pois a necessidade de sobrevivência faz com que o trabalho seja base da vida de toda essa classe.

Em meio aos relatos sobre suas realidades, todos os entrevistados descrevem situações que demonstram a precariedade do ensino nas escolas públicas nas quais concluíram seus estudos. Dos sete entrevistados, somente um não atribuiu à escola pública a responsabilidade por sua falta de incentivo aos estudos. Os outros seis entrevistados, ao serem questionados sobre o seu processo de preparação para a sua entrada na UFRGS, disseram não havia incentivos por parte dos professores e da escola, que o currículo escolar não era o suficiente para ter um bom desempenho no vestibular e que nesse processo de formação escolar houve falta de alguns professores e, portanto,

¹ Saberes e conhecimentos reconhecidos por diplomas e títulos.

de conteúdos, durante certos períodos.

Os incentivos para o ingresso no ensino superior, principalmente, para concorrer a uma disputada vaga na UFRGS vieram de diversos meios, aqueles que não encontraram tanto incentivo ou exemplos na família ou escola, encontraram no trabalho a motivação para continuar os estudos, exemplificado pelos seguintes relatos:

Eu vim de escola pública, e na minha escola não havia um incentivo para ingressar na UFRGS. O que começou a me movimentar pra isso foi que, na época, eu tive muito contato com pessoas, onde eu fazia estágio, que estudavam na UFRGS, então comecei a investigar mais sobre (ENTREVISTADA 05).

[...] trabalhei como motorista em uma empresa terceirizada que prestava serviços a UFRGS, dirigindo para um superintendente que era professor de engenharia na universidade. Conversávamos muito e, certo dia ele me perguntou: “E quando você vai fazer o vestibular, quando você vai começar a estudar?”. Respondi que já estava me preparando para tal. A visão que ele tinha e o estímulo dele como professor me impulsionaram ainda mais, e logo em seguida consegui ser aprovado (ENTREVISTADO 01).

Além desse incentivo simbólico, fornecido muitas vezes por outros lugares que não a família e a escola, coube a esses cotistas buscarem também outras fontes de financiamento para pagar esse projeto. Mediante as desvantagens que encontraram em suas trajetórias, muitos dos entrevistados buscaram através do trabalho melhorar suas condições financeiras de modo a conseguir recursos para pagar um curso ou ter mais tempo hábil para estudar. Nesse contexto, alguns desses cotistas tentaram prestar o concurso vestibular mais de uma vez até finalmente conseguirem entrar na UFRGS.

A falta de tempo para os estudos, devido ao trabalho ser a sua principal ocupação, é um dos pontos cruciais para o desempenho dos cotistas no concurso vestibular e durante a sua graduação. Souza (2012) destaca o tempo como um privilégio daqueles que tem mais acesso à capital econômico e cultural, pois esses estão além do “agulhão” e da necessidade cotidiana: “O futuro é privilégio dessas classes, e não um recurso universal” (SOUZA, 2012, p. 52).

4.2.2 Choque de realidade

Ao serem questionados sobre as suas primeiras impressões no início da graduação, a maioria dos entrevistados se depara com o contraste da qualidade de ensino entre a sua escola pública de origem e o ensino público de uma das melhores universidades federais do Brasil. Alguns tiveram bastante dificuldades no início, até mesmo na comunicação com os professores, conforme relatam os entrevistados:

[...] a linguagem comparada entre os professores com quem eu havia estudado, com uma didática voltada para alunos que vinham de escola pública, era completamente diferente da linguagem utilizada na UFRGS. Eu não conseguia entender o que eles explicavam em relação a matéria dada. Eu lia os textos iniciais do curso e não entendia nada do que estava escrito. (ENTREVISTADA 4).

Os sistemas de informação estão evoluindo e as escolas públicas estão ficando pra trás. Enquanto isso, as escolas particulares acompanham essa evolução desde sempre. E essa balança sempre vai ser desigual. Já ouvi professores exigindo de pessoas cotistas saberem assuntos que haviam ensinado no ensino médio, porém não havíamos visto aqueles assuntos antes. (ENTREVISTADA 6).

A realidade das escolas públicas tem impacto determinante na trajetória dos cotistas. O ensino público, para além da educação formal, é também um microcosmo social diverso onde os cotistas crescem, se relacionam, vivenciam experiências e tomam importantes decisões como, por exemplo, a de ingressar no ensino superior.

Com exceção das escolas militares, as escolas públicas no Brasil são as que recebem em massa a população mais pobre do país. Como consequência disso, na escola pública é onde mais se encontra diversidade racial e social, comparando com a realidade das escolas particulares. Pelo fato de serem, em maioria, os primeiros de suas famílias a ingressarem na universidade pública, alguns cotistas desconheciam ou somente imaginavam a realidade social do ensino superior brasileiro, conforme nota-se neste relato:

No começo eu achei tudo muito sem graça, confesso. Achei que a recepção fosse ser um pouco mais calorosa, nada muito grandioso, porém para todo lado que eu olhava só via pessoas brancas, não via pessoas pretas, mas isso era algo que eu já imaginava que fosse acontecer. (ENTREVISTADA 6).

Ao serem questionados sobre as suas primeiras impressões ao ingressarem na Escola de Administração, os entrevistados relatam:

Quando eu troquei de curso, muitas pessoas me disseram que eu sentiria um choque cultural, pois as pessoas da EA eram mais elitizadas. E quando eu cheguei lá, havia muita gente que não trabalhava, porém ganhavam carros dos pais como prêmio por serem aprovados no vestibular. (ENTREVISTADA 3).

Em relação às pessoas, elas eram de realidades diferentes das que eu estava acostumado, por eu ser de origem pobre, por exemplo, em determinado assunto eu via a forma como as pessoas reagiam ao que eu dizia. Eles vivem uma outra realidade do que estamos acostumados, e você se sente deslocado às vezes. (ENTREVISTADO 2).

Nota-se então que a diferença socioeconômica entre cotistas e não cotistas gera, em primeiro momento, um choque nos cotistas devido ao grande contraste entre as duas realidades. Ganhar um carro dos pais pode ser normal na realidade de muitos, mas para

os cotistas é um fato que possivelmente nunca aconteça.

A forma como as pessoas reagem às falas do cotista, conforme relata o Entrevistado 2, pode ser pensada a partir do conceito de identidade negativa. A identidade é uma negociação entre a auto-identidade (definida por si próprio) e a hetero-identidade (definida pelos outros). Cuche (2002) explica que nesta relação de forças entre os grupos, em um contexto de dominação, a hetero-identidade pode servir para marcar negativamente a identidade dos grupos minoritários e passa, então, a ser considerada uma identidade negativa.

O estranhamento às falas do cotista ocorre pela disputa de força simbólica, através do discurso, onde as opiniões e sínteses daqueles que não fazem parte do grupo dominante recebem pouco ou nenhum prestígio. Definidos como diferentes em relação à referência imposta pelos majoritários, o grupo minoritário (cotistas) pode sentir-se deslocado e intimidado ao externalizar suas opiniões e, ainda, pode reconhecer para si essa diferença como negativa.

4.2.3 Cotas e o que é ser cotista na EA/UFRGS

Todos os entrevistados se mostraram favoráveis às cotas. Alguns deles não souberam ou não quiseram discorrer uma justificativa ao seu apoio. Acredita-se que pela sua vivência como cotistas, é comum entre a maioria dos entrevistados a consciência de que o sistema de cotas precisa ser aprimorado. A lei de cotas garante o ingresso no ensino superior, mas não garante a permanência e isso impacta negativamente a trajetória dos cotistas conforme relatam os entrevistados:

Mas com minha vivência dentro da universidade e em empregos eu entendi que cotas são importantes, mas elas são só o primeiro passo. Hoje estamos em uma situação em que colocamos a pessoa dentro da universidade, mas não cuidamos delas após isso (ENTREVISTADA 5).

Eu acredito que foi um projeto que deu e está dando certo e que deveria ter começado há muito mais tempo, mas ainda assim acho que não é uma solução definitiva, ela conseguiu diminuir algumas barreiras de entrada, pois havia um público muito homogêneo antes das cotas (ENTREVISTADO 1).

O problema é que o auxílio da cota termina ali. Você cai de paraquedas dentro da universidade, e você está ali por você mesmo (ENTREVISTADA 4).

A manutenção da permanência do cotista é fundamental para garantir a efetividade das cotas visto que adentram em um espaço dominado por um público específico: branco e com origens em realidades socioeconômicas favoráveis, que os coloca em uma posição de privilégios tanto fora quanto dentro da universidade.

É perceptível ao ler os relatos sobre os primeiros momentos na EA/UFRGS que em algumas situações os cotistas omitem suas opiniões ou até mesmo sua identidade como cotista para evitar situações de divergências e confronto com os não cotistas, conforme o seguinte relato:

Nos últimos tempos, com a entrada de novos cotistas, as visões começam a se assemelhar, mas antes, quando eu entrei, você acabava deixando de opinar por esse motivo (ENTREVISTADO 2).

O ambiente muitas vezes chega a ser hostil para os cotistas. Direitos dados aos cotistas pela universidade são questionados pelos discentes não cotistas. Muitos cotistas acabam sofrendo represálias ao usufruírem deles conforme relata a entrevistada:

Existe preconceito com cotistas. No início da faculdade, muitas pessoas não falavam que eram cotistas devido a ataques verbais, principalmente no RU, onde há uma fila para cotistas² (ENTREVISTADA 3)

Pode-se pressupor que fomentar o debate das cotas com a comunidade em geral possa trazer frutos positivos. Tanto professores quanto alunos não cotistas precisam estar preparados para entender as mudanças e a diversidade de pessoas que as cotas trazem para um espaço antes quase homogêneo. Mas, conforme o seguinte relato, ainda faltam iniciativas para que o debate sobre as cotas ocorra naturalmente:

Entendo que até hoje é um assunto que traz certa polêmica e que traz um certo desconforto para quem é cotista e pra quem não quer parecer preconceituoso é um assunto “pornográfico”, digamos assim, porque as pessoas tentam não falar (ENTREVISTADA 4).

Mediante este novo cenário de maior diversidade étnica e cultural que as cotas trazem para a universidade, há um certo preconceito dos não cotistas para os cotistas, conforme os relatos das entrevistadas:

Existe um estereótipo de achar que, por exemplo: “Uma menina de cabelo colorido é lésbica. Uma pessoa que fuma maconha tem um raciocínio péssimo, por isso ela usa drogas. LGBTQIA+ não é o tipo de amizade certa. Aquele gordinho que é tímido, que não consegue fazer a apresentação do trabalho. Essas pessoas são os alunos do C, e eu não quero um C no meu currículo, eu quero só A. Quero ter um currículo maravilhoso para apresentar nas empresas”. Então existe essa visão e já ouvi esse tipo de comentário (ENTREVISTADA 4).

No início da graduação eu não costumava falar muito que eu era cotista, as pessoas obviamente assumiam. [...] Lembro de uma vez em que falei com uma menina que era negra e não era cotista, e ela dizia que as pessoas, sem antes saberem, já deduziam que ela era cotista racial. [...] as pessoas nos enxergam como sendo piores, sem dúvida, tenho certeza disso. Falo com propriedade

² De acordo com a Instrução Normativa 04/2019 da Pró-reitora de Assuntos Estudantis da UFRGS, beneficiários de assistência estudantil têm acesso preferencial aos restaurantes universitários.

sobre isso, como já foi comentado em uma resposta anterior. As pessoas não queriam fazer trabalhos comigo. Eu sempre ficava sozinha, e pedia aos professores para realizar os trabalhos de forma individual, pois achavam que eu era burra (ENTREVISTADA 5).

Ao ler o relato da Entrevistada 4 percebe-se que, independentemente das cotas, há no meio social da EA/UFRGS o uso de certos estereótipos para pré-julgar e hierarquizar pessoas com características específicas. Tal fato conseqüentemente recai sobre as percepções quanto aos cotistas conforme exemplificado pela Entrevistada 5 que relata dois estereótipos comuns de que todo o discente negro é cotista e que todos os cotistas têm capacidade intelectual inferior comparados aos não cotistas.

Para Cuche (2002), o ocultamento da sua identidade é definido como uma estratégia de identificação extrema. Estratégia de identidade é quando a identidade é vista como meio para atingir um objetivo. Cuche (2002) diz que ao ocultar a sua identidade pretende-se escapar à discriminação, exílio ou até o massacre. No caso dos cotistas entrevistados, de acordo com algumas falas, parece que o ocultamento ocorre com a intenção de fugir de um processo discriminatório que possivelmente ocorrerá caso se identifiquem como cotista no ambiente acadêmico da EA/UFRGS.

Contrário a todo esse cenário de preconceito, é de conhecimento público que as cotas não foram criadas tendo como argumento deficiências intelectuais, mas sim pela ausência de representatividade das classes sociais menos favorecidas, de pretos, pardos e indígenas no ensino superior público. Percebe-se, através das histórias de vida de cada entrevistado, os imensuráveis esforços de cada um durante a sua trajetória até conquistar a sua sonhada vaga na universidade pública, sendo que eles têm plena consciência disso. A entrevistada ao ser questionada como é ser cotista na EA/UFRGS, responde:

Hoje, por estar no final do curso, não sinto tanta diferença, mas no início havia muitas dificuldades. Quem chega numa universidade federal é uma pessoa que batalhou muito para estar ali, principalmente por conseguir acompanhar tudo que se é pedido (ENTREVISTADA 4).

4.2.4 Percepções sobre grupos de identificação

É claro para os cotistas, desde as suas primeiras impressões, que há na EA/UFRGS a formação de grupos de identificação mesmo que informais. Cuche (2002) diz que o importante não é inventariar os traços culturais que distinguem os grupos, mas localizar aqueles utilizados pelo grupo para manter uma distinção cultural. De acordo com os relatos dos entrevistados, os grupos na EA/UFRGS não são bem definidos. Mas

em um panorama geral, há alguns fatores centrais utilizados na distinção entre eles.

4.2.4.1 Nós e eles

Fica evidente nas entrevistas a diferenciação feita pelos cotistas entre os cotistas e os não cotistas ao se referirem aos não cotistas como “eles”. Eles (os não cotistas) têm uma origem diferente e se identificam e se integram naturalmente entre si, como se pode notar nos relatos dos entrevistados:

E você percebe que são grupos de pessoas que se conheciam antes mesmo de ingressarem na universidade, alunos vindos de escolas particulares, ou que já trabalharam juntos. É possível identificar esses grupos sociais. E até mesmo em trabalhos em grupo (ENTREVISTADO 2).

Havia um grupo de alunos da minha turma que, ou se conheciam antes, ou se conheceram depois, mas eles tinham uma forma de se identificar entre si. E com o passar do tempo eu fui entendendo como era essa identificação, e percebi que quem não fazia parte daquele grupo eram exatamente as pessoas que eram cotistas (ENTREVISTADA 4).

Os fatores centrais da diferenciação mais comuns nos relatos dos cotistas são: em primeiro lugar a condição socioeconômica e cultural e em segundo lugar a questão étnico-racial. Os entrevistados relatam que os não cotistas usufruem de certos privilégios. Devido as condições financeiras abastadas que possuem, muitos dos não cotistas trazem consigo vivências que os põe em uma posição confortável e de destaque ao adentrarem no ensino superior. Conforme os relatos dos entrevistados:

E percebo que justamente são grupos compostos por alunos mais novos não cotistas, com condições familiares e financeiras mais confortáveis e que já trazem uma vivência que nós (cotistas) não tivemos, como viagens ao exterior, intercâmbios, empregos em empresas importantes. Essas são pessoas que acabam tendo mais destaque ali dentro. (ENTREVISTADO 1)

[...] às vezes ficamos desanimados por acharmos que muitas dessas pessoas que possuem fácil acesso ou que estão em um grupo hierárquico maior, por questões financeiras e tem acesso as melhores vagas, acesso a outros idiomas, acho que isso influencia em certo ponto, por me fazer pensar se essa formação será suficiente. (ENTREVISTADA 3)

No relato da Entrevistada 3 fica claro que ao se perceberem em posição de desvantagem perante os não cotistas, os cotistas se sentem ameaçados e duvidam se a formação em Administração será o suficiente para serem equiparados aos não cotistas, por exemplo, na disputa por uma vaga de emprego.

O questionamento da entrevistada se mostra coerente uma vez que os cotistas, mesmo que em uma mesma universidade, em um mesmo curso, têm condições sociais e familiares de partida desprivilegiadas, uma vez que seu processo de identificação

afetiva ocorreu com outros valores (do trabalho, por exemplo) que não os acadêmicos. Souza (2012) define identificação afetiva como a imitação daquilo ou de quem se ama de modo natural, sem a mediação da consciência, o que a torna invisível.

Segundo este mesmo autor o processo de identificação afetiva é eficaz na legitimação do privilégio pois envolve vantagem na competição social seja na escola ou mercado de trabalho, em relação às classes desfavorecidas:

Afinal, tanto a escola quanto o mercado de trabalho irão pressupor a “incorporação” (literalmente tornar “corpo”, ou seja, natural e automático) das mesmas disposições para o aprendizado e para a concentração e disciplina que são “aprendidos”, pelos filhos dessas classes privilegiadas, ainda que com grande esforço, por identificação afetiva com os pais e seu círculo social (SOUZA, 2012, p. 24).

Em suma, os cotistas têm argumentos válidos em relação a sua insegurança. Nos meios sociais em que necessitarem de aprovação para serem inseridos, como no exemplo do emprego, é possível que, mesmo que inconscientemente, entrevistadores façam a leitura de que aqueles que têm origem em famílias privilegiadas tenha melhor predisposição intelectual.

Ao serem questionados sobre as suas percepções de como são vistos pelos não cotistas, os cotistas, em suma, dizem que são vistos como diferentes ou com indiferença, como se pode perceber nos relatos dos entrevistados:

[...] Em relação às pessoas, elas eram de realidades diferentes das que eu estava acostumado, por eu ser de origem pobre, por exemplo, em determinado assunto eu via a forma como as pessoas reagiam ao que eu dizia. [...] me parece que o grupo social mais elevado não se preocupa com o outro. O outro está ali “despercebido”. É algo que acontece naturalmente, não se importam com quem tem maiores necessidades de aprendizado. Cotistas tem de se policiar na forma como falam, como se portam. (ENTREVISTADO 2)

[...] existe um preconceito velado contra o cotista. A maior parte das pessoas acham que um cotista não é tão capaz quanto aquele que não é, aquele que entrou pelo acesso universal (ENTREVISTADA 4).

Fica claro então pelos relatos que os cotistas são vistos como “os outros” dentro do espaço da EA/UFRGS. E, no decorrer do curso, fica evidente que até mesmo na formação de grupos de trabalho durante as aulas há uma certa separação entre cotistas e não cotistas transparecendo a dificuldade de integração entre esses grupos. O Entrevistado 2 diz haver questões raciais na formação dos grupos:

[...] Essa questão de formação de grupos de trabalho em sala de aula. Alunos pretos se reúnem em um grupo, e pessoas brancas se reúnem em outro. Não percebi uma integração sobre esses grupos.

Já a entrevistada 4, mesmo sendo branca, com seu discernimento sobre questões raciais, diz que presenciou um episódio de racismo sofrido por uma colega francesa negra. A colega estrangeira ao tentar fazer parte de um grupo de trabalho com colegas brancas de condições financeiras visivelmente melhores que a sua, não foi acolhida pelo seu grupo conforme relato da Entrevistada 4:

[...] mais de uma vez ela solicitaram que eu pedisse, junto ao professor, para que retirassem a menina do grupo, utilizando do argumento de que não dá pra levar uma pessoa assim nas costas, pois ela não entendia o que nós falávamos. Só que você percebe no olhar da pessoa que não é isso. Ela está olhando praquela pessoa que elas não querem no grupo não pela questão do idioma, pois todas ali são fluentes em inglês, então havia outras formas de resolver essa questão.

Esse relato de racismo na EA/UFRGS é coerente à contribuição de Jessé Souza sobre o racismo no Brasil. Segundo Souza (2012), no imaginário brasileiro, pobres e negros têm um modo de vida tão degradante que precisam a todo momento provar suas virtudes e nenhum negro no Brasil consegue escapar do embranquecimento caso tenha alguma ascensão social (neste caso simbolizado pelo ingresso no ensino superior). Souza (2012) diz que o embranquecimento é um processo simbólico ao qual o indivíduo quase sempre precisa se submeter para ser aceito em um grupo em que seria repellido pelo fato de ser negro.

O episódio relatado pela Entrevistada 4 reforça também a ideia de que os grupos “privilegiados” (eles) não se interessam ou sequer se esforçam em ações de integração com os “os outros”. Mediante este fato, o que se pode perceber na conduta dos grupos “privilegiados” da EA/UFRGS é o que Barth (1969) denominou como “fronteiras” da identidade. Barth (1969) diz que toda identificação é ao mesmo tempo diferenciação. A vontade de marcar limites entre “eles” e “nós” estabelece o que se chama de “fronteira”. Em suma, o processo que é ocorre é que os não cotistas definem certos traços etnoculturais como marcadores de sua identidade criando uma fronteira social simbólica entre si e os cotistas.

4.2.4.2 Grupo de Acolhimento

Percebe-se nas respostas dos cotistas entrevistados que, assim como os não cotistas tem o seu processo formação de grupos, os cotistas também, de forma natural, se identificam, sentem-se próximos ou pertencem a grupos de identificação. De acordo com os relatos dos cotistas entrevistados, é no compartilhamento das dificuldades comuns entre si que se dá maior interação e identificação, conforme podemos ver nos

relatos das entrevistadas:

[...] As pessoas se entendem mais, por também sofrerem coisas parecidas, por terem dificuldades parecidas (ENTREVISTADA 4).

Percebo que pertenço ao grupo de pessoas que trabalha e estuda, sempre se movimentando para estudar e aprender, e que às vezes não consegue estudar tudo que quer. E como interagimos bastante, acabamos estudando juntos e nos auxiliando sobre provas, testes e afins, e acabamos nos motivando uns aos outros sobre não desistir (ENTREVISTADA 6).

Mais do que um grupo de identificação, o grupo formado pelos cotistas pode ser descrito também como um grupo de acolhimento. São nesses grupos, entre os seus semelhantes, que eles se sentem mais à vontade em compartilhar seus anseios como podemos ver nos seguintes relatos:

[...] eu tinha muitos colegas pretos que não eram da mesma turma, mas eu me sentia acolhida entre eles, era um espaço agradável, onde eu dividia meus dilemas diários relacionados aos estudos, e é algo que não sinto se não for em um grupo de pessoas pretas (ENTREVISTADA 4).

[...] Quando comecei a me comunicar com esse grupo que não é bem delimitado, mas que existe, formado por pessoas que são deixadas mais de lado dentro da universidade, eu me senti aceita e muito melhor representada ali dentro daquele grupo, com os valores daquelas pessoas do que com aquilo que eu via nos grupos de fora (ENTREVISTADA 5).

A formação dos grupos de acolhimento faz parte do processo do processo nomeado por Cuche (2002) como luta de classificação:

Todo o esforço das minorias consiste em se reapropriar dos meios de definir sua identidade, segundo seus próprios critérios, e não apenas em se reapropriar de uma identidade, em muitos casos, concedida pelo grupo dominante (CUCHE, 2002, p. 190).

Neste processo de reivindicação dos meios de definir sua identidade, mediante um sentimento de injustiça coletiva, Cuche (2002) diz que os membros do grupo vítima de uma discriminação são provocados a um forte sentimento de vinculação à coletividade.

A importância da existência desses grupos de acolhimento se dá na ideia de que eles também podem ser motivadores de permanência na universidade, como pode ser visto no relato da Entrevistada 5:

[...] meu primeiro choque foi devido a questão socioeconômica. E foi dentro da sala de aula onde eu tive o baque inicial: vinda de uma escola pública, onde a maioria é preto, eu estava ali em minoria. Não lembro de me sentir assim no cursinho, mas na faculdade isso me impactou muito, o que me fez pensar em desistir da graduação logo no primeiro semestre, por essa questão de

identificação. [...] Então lembro de entrar em uma aula e ter um aluno negro no fundo da sala, o que me deixou contente e me fez seguir em frente, pois não me sentia mais sozinha.

Os cotistas ao sentirem-se desamparados pela universidade e sozinhos mediante as dificuldades das suas trajetórias individuais, encontram nos grupos de acolhimento motivação e inspiração para seguir a sua trajetória de estudos.

Ao serem questionados se as sua(s) relação(ões) com o(s) grupo(s) ao qual(is) se identifica pode influenciar no seu processo de formação como administradores, todos tiveram resposta positiva e reconhecem que as trocas que têm com esse(s) grupo(s) na sua trajetória acadêmica influencia(m) sim conforme os relatos dos entrevistados 1 e 6:

Nossa formação de vida é feita de relações, falando de uma forma geral. As pessoas com quem você conversa, o grupo em que você está inserido, os assuntos discutidos nesses grupos, tudo isso lhe dará um direcionamento de onde você quer chegar, da forma como você vai agir, como você irá lidar com as pessoas, com os recursos que você tem (ENTREVISTADO 1).

[...] todas as experiências que vivenciei me farão ser uma pessoa que vai procurar ser mais compreensível, em escutar todos os lados, para chegar num senso comum e justo (ENTREVISTADA 6).

Percebe-se que estar em um grupo diverso pode trazer um olhar humanizado (afável e inclusivo). Mediante isso, é esperado que o cotista e futuro administrador tenda a entender e compreender melhor a diversidade de pessoas e as particularidades das suas trajetórias.

Aktouf (2005) defende que no futuro o ensino da Administração seja muito mais ensino para mudança do que ensino para a reprodução. De acordo com o autor, as escolas de administração e o mundo empresarial são muito conformistas e conservadores. Ele vê a Administração como uma ferramenta de transformação social:

Eis porque a educação em administração deve no futuro integrar-se a um projeto social mais amplo pois a administração é uma disciplina híbrida que repousa sobre um *corpus* de conhecimentos teóricos, mas, também, sobre as práticas que dão uma finalidade social e econômica à aplicação das teorias. (AKTOUF, 2005, p. 157).

Relacionando a pedagogia defendida por Aktouf (2005) e o sistema de cotas, espera-se que a entrada desses novos atores sociais (cotistas) transformem as escolas de administração e que, após concluírem sua trajetória de graduação, continuem sendo agentes de transformação social ao inserirem-se na produção de conhecimento, seja como pesquisadores ou gestores (no mundo empresarial), contribuindo com o desenvolvimento da Ciência Administrativa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi elaborado com o intento principal de conhecer a realidade social dos estudantes cotistas do curso de Administração da EA/UFRGS a fim de compreender e explicar os seus processos de identificação mediante a convergência de suas vivências anteriores à universidade com as suas vivências como discentes no curso de Administração na UFRGS. Para isso foi elaborado um roteiro semiestruturado com 16 perguntas o qual serviu de base para a realização de entrevistas com seis estudantes cotistas, das modalidades racial, social e racial e social, do curso de Administração da EA/UFRGS.

Através de questões sobre a relação da vida pessoal com a vida acadêmica do cotista e sobre as cotas e como é ser cotista, buscou-se chegar no objetivo específico de **identificar como o cotista percebe a relação entre o contexto sociocultural no qual foi criado e aquele o qual vivencia na EA/UFRGS**. De acordo com os questionamentos e os relatos dos entrevistados, é nítido perceber que a trajetória de todos até a conquista da sua vaga na UFRGS desenrola-se em uma realidade de muitas tribulações – econômicas, familiares, emocionais – decorrentes de seus contextos socioculturais de origem.

Essas mesmas questões deram origem a duas categorias de análise. A primeira descreve a **trajetória do cotista até o seu ingresso na EA/UFRGS**. Fica perceptível que a maioria dos entrevistados não obteve sucesso em sua primeira tentativa de concurso vestibular, o que pode-se atribuir à precariedade do ensino e estrutura das escolas públicas brasileiras que, segundo os relatos, têm um currículo de ensino insuficiente para se obter um bom desempenho nos concursos vestibulares, principalmente se comparado ao currículo das escolas particulares. Essa precariedade estrutural das escolas atrelada à falta de incentivo moral, seja da própria escola e/ou das famílias, torna mais difícil a trajetória destes que buscam o ensino superior o qual é muito visto pelos entrevistados como instrumento de ascensão social.

A segunda categoria originada pelo primeiro objetivo – choque de realidade – descreve as **primeiras impressões dos cotistas ao ingressarem na EA/UFRGS**. Segundo a maioria dos relatos, definiu-se como choque de realidade devido ao grande contraste entre as realidades sociais de origem do cotista e a qual ele se depara ao adentrar um ambiente dominado por grupos homogêneos privilegiados.

Segundo relato dos cotistas, há por parte de outros grupos um estranhamento as falas e posicionamentos dos cotistas que muitas vezes os fazem omitir sua identidade. Tal fato conduz a percepção acerca de questões a qual Cuche (2002) denomina como identidade negativa. O fato de os valores e ideais dos cotistas serem vistos como diferentes em relação à referência imposta pelos grupos dominantes. Percebe-se que ocorre uma injusta disputa de força simbólica, através do discurso, onde os cotistas iniciam em desvantagem por estarem estigmatizados pela identidade negativa fazendo com que, muitas vezes, intimidados a manifestarem os seus valores e ideais.

A terceira categoria que responde o primeiro objetivo específico buscou explicar as **concepções dos cotistas com relação as cotas e entender como é ser um cotista na EA/UFRGS**. Todos os entrevistados se mostraram favoráveis às políticas afirmativas mesmo que alguns não soubessem como argumentar em defesa delas. A ideia de que as cotas não são o suficiente se repetiu na fala dos entrevistados pois, após o seu ingresso na UFRGS, sentem falta de um sistema de incentivo à permanência. Os entrevistados descrevem o espaço social da EA/UFRGS como intimidador por duas razões. A primeira deve-se ao contraste entre o ensino da escola pública e o da universidade pública. Percebem que muitos professores se mostram indiferentes a essa disparidade cobrando conhecimentos prévios como se todos ali fossem procedentes de boas escolas. A segunda questão relatada refere-se à intimidação sociocultural em um ambiente onde não somente sentem mas veem que são minoria e isso faz com que muitos, em algum momento, pensem em desistir da vida acadêmica.

Para alcançar os outros três objetivos específicos: **Levantar a existência de diferentes grupos de identificação na EA/UFRGS; Investigar as percepções dos cotistas da EA sobre o seu processo de identificação com estes grupos e; Identificar as percepções dos acadêmicos da EA sobre as relações entre os grupos de identificação**; foram feitas oito perguntas cujas respostas deram origem a uma categoria com duas subcategorias de análise. As percepções sobre os grupos e os processos de identificação foram agrupadas nesta categoria que pretendeu explicar como esse processo social de identificação na EA/UFRGS.

A primeira subcategoria – nós e eles – buscou mostrar que os processos de identificação dos cotistas no espaço da EA/UFRGS ocorre através da diferenciação, conforme já explicado por Cuche (2002). Fica claro na visão dos cotistas que existem diversos grupos de identidade, não totalmente definidos, mas que se valem de fatores

centrais de identificação para a construção de unidades identitárias e fronteiras que separem esses grupos.

A fim de simplificar a complexa conjuntura social das relações de identidade na EA/UFRGS, juntou-se algumas definições de grupos descritos pelos entrevistados e resumiu-se então, com base nos fatores centrais de diferenciação percebidos, a classificação em dois grupos: “nós” e “eles”. Como as definições de grupos são originadas nas concepções dos cotistas, “nós” é um grupo definido por cotistas e todos os que se identificam com a realidade dos cotistas e, “eles” são definidos por todos os outros discentes da EA/UFRGS que se diferenciam de “nós” seja por questões socioeconômicas ou étnico-raciais.

A partir desta análise feita sobre os dois grandes grupos da EA a partir dos relatos dos cotistas, os objetivos de **levantar a existência dos grupos, percepções dos cotistas sobre o processo de identificação com os grupos** e das **relações entre os grupos** foram alcançados. Nas definições de quem seriam o “nós” tem-se todos aqueles que tiveram ou ainda tem uma trajetória complexa por terem origem em classe social e/ou etnia desprivilegiada no contexto brasileiro e que reflete no microcosmo social da EA/UFRGS ao se consideraram minoria naquele espaço. E, na definição de quem seriam “eles” temos todos aqueles que se diferenciam de “nós”, talvez intencionalmente, por terem condições socioeconômicas e origem étnica legimitadas pela sociedade como privilegiadas.

Segundo os cotistas, o processo de identificação entre ser de um grupo ou outro ocorre de forma natural, inconsciente, não intencional. Quem faz parte do “nós” se sente mais a vontade em estar próximo e integrar um grupo com seus semelhantes. E, que faz parte do “eles” talvez tenha esse mesmo sentimento visto que, segundo relatado nas entrevistas, a forma de falar e os assuntos abordados por “nós” pode ser muito incomodo a quem se identifica com “eles”. A partir da ideia desta categorização dos grupos, surgiu então a última subcategoria de análise sobre os grupos de identificação.

A última subcategoria surgiu para explicar um fenômeno social que foi percebido durante a análise das respostas sobre os grupos. Empregou-se o nome de **grupo de acolhimento** para definir o sentimento de acolhimento que os cotistas percebem e vivenciam ao integrarem-se em grupos com seus semelhantes. Caracterizado por alguns como um motivador de permanência na universidade, os grupos formados por “nós” têm

essa característica pois são neles que se sentem mais a vontade de partilhar as suas dificuldades e anseios em comum e são neles que buscam suporte e aconselhamento em relação a vida acadêmica e profissional.

O objetivo geral deste estudo foi atingido gradualmente ao se buscar atender os quatro objetivos específicos propostos na idealização deste estudo. Compreender os processos de identificação dos cotistas na EA/UFRGS se tornou visível a medida em que ia sendo reconhecida a origem social e a atual realidade em que os entrevistados se encontram. Este ponto é fundamental visto que as vivências anteriores a universidade e os vínculos sociais (família, escola, trabalho, etc) são determinantes no processo de identificação. As concepções sobre as cotas e sobre os grupos de identidade ajudaram a caracterizar o meio social da EA/UFRGS que se mostrou heterogêneo, mas também hostil e excludente, em uma provável tentativa de homogeneizar o espaço por parte dos grupos privilegiados. Como estratégia de identidade para lidar com esse ambiente, os cotistas construíram a ideia de acolhimento ao se organizarem em grupos caracterizados por ser um espaço de desabafo, consolo e auxílio para com os seus semelhantes.

Todas as pesquisas apresentam seu limites de compreensão de um fenômeno, especialmente quando este é social. O fato de que o foco da pesquisa serem cotistas do curso de Administração, no caso da EA/UFRGS, traz contornos específicos sobre como ocorrem os processos de identificação desses alunos considerando o caráter conservador dos cursos de Administração. Desse modo, a análise realizada explica mais especificamente a realidade social deste agrupamento acadêmico.

Outro limitador de pesquisa que surgiu foi devido ao tempo necessário para a realização de cada entrevista ser longo o que pode ter limitado o número de entrevistados seja pelas negativas dos convidados a serem entrevistados, ou mesmo pelo pouco tempo hábil para fazer mais entrevistas, transcrever e analisar grande quantidade de dados, em um trabalho de conclusão de curso.

Mediante ao limitador de perspectiva, visto que ela explica a realidade somente pela visão dos cotistas, primeiramente, sugere-se coletar dados por meio de entrevistas também com não cotistas e professores para ter uma visão mais ampla e comparativa dos dados coletados.

Outra possibilidade de estudo é a de investigar os processos de identificação de cotistas de outros cursos para inclusive podermos analisar essa temática também a partir

de comparações, observando se esses processos são semelhantes e quais seriam suas particularidades. Por exemplo, esta pesquisa poderia ser realizada no curso de Ciências Sociais onde entende-se que os professores e discentes têm familiaridade com questões teóricas aqui analisadas e observar se isso de alguma forma influencia nos processos de identificação dos cotistas deste curso.

Como última sugestão, para o limitador referente ao tempo necessário para a coleta de dados desta pesquisa sugere-se manter as entrevistas em profundidade como instrumento de pesquisa porém reservando mais tempo hábil para contatar e entrevistar um número maior de cotistas. Seria interessante também, talvez, reduzir o roteiro prévio de perguntas e usar de outras ferramentas como, por exemplo, observações de campo do próprio pesquisador.

6 REFERÊNCIAS

- AKTOUF, OMAR. **Ensino de administração: por uma pedagogia para a mudança.** Revista Organizações & Sociedade [online]. 2005, v. 12, n. 35, p.151-159. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1984-92302005000400009>. Acesso em: 31 mar. 2022.
- BARCELLOS, R. DE M. R. DE; DELLAGNELO, E. H. DO L.; SALIÉS, G. P. **Universidade, Sociedade E Formação Do Administrador: Uma Reflexão Necessária.** Administração: Ensino e Pesquisa, v. 12, n. 4, p. 671-696, 31 dez. 2011.
- BARTH, F. **Ethnic groups and boundaires: the social organization of culture difference.** Bergen, Oslo: Universitetsforlaget; London: George Allen & Unwin, 1969.
- BOCKORNI, B. R. S.; GOMES, A. F. **A amostragem em snowball (bola de neve) em uma pesquisa qualitativa no campo da administração.** Revista de Ciências Empresariais da UNIPAR, Umuarama, v. 22, n. 1, p. 105-117, jan./jun. 2021.
- BRASIL. Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. **Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências.** Diário Oficial da União, Brasília, DF, 30 ago. 2012. Seção 1, p. 1.
- COHEN, L. B.; EXNER, M. K.; GANDOLFI, P. E. **Os Resultados da Implementação da Política de Cotas em um Campus Universitário Federal no Interior do Estado de Minas Gerais.** Revista Interdisciplinar de Gestão Social, [S. l.], v. 7, n. 1, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/rigs/article/view/24061>. Acesso em: 05 abr. 2022.
- CUCHE, Denys. **O Conceito de Cultura nas Ciências Sociais.** Tradução de Viviane Ribeiro. 2 ed. Bauru: EDUSC, 2002. 256 p.
- GIL, Carlos, A. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**, 6ª edição. São Paulo, Atlas, 2017.
- GODOY, A. S. **Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais.** Revista de Administração de Empresas. 1995, v. 35, n. 3, pp. 20-29.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 12 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.
- JESUS, J. G. **O desafio da convivência: assessoria de diversidade e apoio aos cotistas (2004-2008).** Psicologia: Ciência e Profissão. 2013, v. 33, n. 1, pp.222-233.
- KERN, M. C. L.; ZILIOOTTO, D. M. **Universidade pública e inclusão social: as cotas para autodeclarados negros na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.** Cadernos Gestão Pública e Cidadania, v. 16, n. 59, art. 70, p. 1-19,2011.
- MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade.** 18ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MOTTA, F. C. P. **A Questão da Formação do Administrador.** Revista de Administração de Empresas (FGV), SP, v. 23, n.4, p. 53-55, 1983.
- PAES DE PAULA, A. P ; RODRIGUES, M. A. **Pedagogia crítica no ensino de Administração: desafios e possibilidades.** In: XXX ENANPAD - Encontro da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração, 2006, Salvador.

- PIMENTEL, F.; PEREIRA, F. D. S. **A responsabilidade das Instituições de Ensino Superior Públicas com relação à exclusão social: uma reflexão sobre a reserva de cotas para a matrícula de indivíduos afro-descendentes.** Revista de Ciências da Administração, v. 6, n. 11, p. 69-86, 2004.
- SARAIVA, L. A. S. **A educação superior em administração no Brasil e a questão da emancipação: um túnel no fim da luz?.** Revista Gestão & Planejamento, v. 12, n. 11, p. 41-60, jan./jun. 2011.
- SARAIVA, L. A. S.; SOUZA, C. J. **A formação do administrador e a moral do super-homem: um estudo com docentes e discentes do curso de administração.** Revista Pensamento Contemporâneo em Administração, v.6, n. 1, p. 41-54, 2012.
- SANTOS, E. L.; SANTOS, R. S.; BRAGA, V. **Administração do desenvolvimento: percepções e perspectivas da comunidade científica da AnPAD.** Revista Organizações & Sociedade, v. 23, n. 77, p. 263-284, 2016.
- SILVA, B. C. M.; XAVIER, W. S.; CALBINO, D. **Política de Cotas e Meritocracia: Uma Análise da Percepção de Professores Universitários.** Dados, Rio de Janeiro, v. 65, n. 1, e20200166, 2022. Disponível em: http://old.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S001152582022000100203&lng=en&nrm=iso. Acessado em: 31 mar. 2022
- SILVA, F. C. **As relações raciais na educação, a objetividade e subjetividade das cotas sócio raciais no ensino superior.** Revista da ABPN, v. 5, n. 10, p. 181-195, 2013.
- SILVA, T. T. **A produção social da identidade e da diferença.** In. SILVA, Tomaz Tadeu da. (org) Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.
- TRAGTENBERG, MAURÍCIO. **A teoria geral da administração é uma ideologia?.** Revista de Administração de Empresas [online]. 1971, v. 11, n.4, p. 7-21. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-75901971000400001>. Acessado em: 27 mar. 2022.
- WICKBOLD, C.C.; SIQUEIRA, V. **Política de cotas, currículo e a construção identitária de alunos de Medicina de uma universidade pública.** Revista Pro-Posições [online]. 2018, v. 29, n. 1, pp. 83-105. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2016-0153>. Acessado em: 31 mar. 2022.

APÊNDICE A — ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

Nome:
Idade:
Cor/Etnia:
Gênero:
Modalidade de Cota:
Tempo de UFRGS:

Vida pessoal e acadêmica

1. Quando/como você se deste conta que poderia concorrer a uma vaga na UFRGS.
2. Me fale um pouco sobre seu processo de preparação para entrada na UFRGS.
3. Me fale um pouco sobre sua entrada na EA/UFRGS. Primeiras (e segundas...) impressões. Se quiser conte um evento que tenha te marcado.
4. Suas vivências anteriores à vida universitária (família, escola, trabalho, etc.), influenciam no seu processo de graduação (em Administração)? Fale um pouco sobre isso.

Sobre as cotas e o ser cotista

5. Qual a sua opinião sobre o sistema de cotas? Tanto sociais, quanto raciais.
6. Para você, o que é ser cotista na EA/UFRGS?
7. Na sua análise, qual(is) é(são) a(s) opinião(ões) comunidade da EA/UFRGS (alunos, professores e técnicos) sobre as cotas? Se quiser conte um evento que tenha vivenciado.
8. Na sua análise, qual(is) é(são) a(s) opinião(ões) comunidade da EA/UFRGS (alunos, professores e técnicos), sobre os cotistas na EA?UFRGS? Se quiser conte um evento que tenha vivenciado.

Processo de identificação

9. Você percebe a existência de grupos de identidade (informais) entre os discentes (alunos) da EA/UFRGS? Me fale um pouco sobre estes, refletindo sobre quais são .
10. Você percebe alguma relação entre ser ou não ser cotista e a composição desses grupos de identidade na EA/UFRGS? Fale um pouco sobre isso.
11. Você percebe a influência de questões étnicas-raciais e/ou sócio-econômicas na composição desses grupos de identidade na EA/UFRGS? Fale um pouco sobre isso.
12. Você sente que pertence ou tem proximidade com algum destes grupos? Como você descreveria o(s) grupo(s) que você se identifica e pertence? Como você se relaciona com esse grupo?
13. Como você acha que outros discentes da EA (outros grupos), pensam o grupo de identidade ao qual tu pertences?
14. E você? O que você pensa do(s) outro(s) grupo(s) de identidade com o(s) qual(is) você não se identifica e pertence?
15. Entre os alunos da EA, você percebe que existem grupos mais privilegiados que outros? Explique, comente com alguma situação que tu tenha refletido ou vivenciado na EA.
16. Como esse grupo que tu te identificas influencia no seu processo formação como administrador? Fale um pouco sobre isso.